

# O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO NA FALA CULTA MANAUARA

Leandro D’Vinci BABILÔNIA BRANDÃO<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Amazonas

## Introdução

O presente trabalho, que trata da realização do ditongo crescente em sílaba postônica final, iniciou-se em 2009, surgindo de observações feitas enquanto constituíamos o banco de dados do Projeto Fala Manauara Culta – Famac. Diversas vezes notamos que os ditongos não eram efetivados como tais, os falantes deitavam fora a semivogal e produziam apenas as vogais, realizavam-se, portanto, monotongos.

De modo geral, a monotongação é um fenômeno amplamente difundido na fala dos brasileiros. Conforme Marcos Bagno (2007), a redução dos ditongos *ei*, *ai* e *ou* está tão disseminada que já se configura como parte do vernáculo mais geral brasileiro. Por outro lado, o autor ressalta que a monotongação em sílaba postônica apresenta um caráter descontínuo, isto é, está restrita a determinados grupos de falantes. Por esse motivo, propusemo-nos a estudá-la.

De início, descartamos a possibilidade de esta ser uma variante diatópica, visto que pesquisas realizadas em outras regiões já a assinalavam. Martins de Aguiar (*apud* Aragão, 2004), por exemplo, observou a realização desse fenômeno nos falares cearenses ainda na década de 1930; estudos mais recentes, como de Oliveira (2008), na Bahia, e de Hora (s/d), na Paraíba, revelam que ele tem se manifestado, inclusive, na escrita de alguns grupos, como de estudantes e pessoas de baixa escolaridade que, ao escrever, apoiam-se na oralidade.

Conforme Almeida (2006), a monotongação tem sido vista como uma marca peculiar dos falares rurais, evidenciando a estreita relação que ambos possuem com o passado, isto é, são plenos de resquícios de outras etapas encontradas na evolução do português. Contudo, há certa complexidade em afirmar que este é um traço peculiar da fala rural porque, como nos lembra Aragão (2000), todos os trabalhos já realizados “utilizam *corpora* de linguagem popular” (p. 19), fato que marcaria uma variante diastrática. Este trabalho, contudo, utiliza registros de falantes que possuem nível superior. Devemos, então, pensar que tal fato denota a “infiltração de traços populares” na esfera culta?

A respeito dessa inter-relação de variedades, Labov (2008) nos chama a atenção para as novas e diferentes circunstâncias encontradas em seus estudos na cidade de Nova Iorque, as quais se estendem a outras áreas metropolitanas. Em suas palavras,

Em lugar da diferenciação horizontal e espacial, temos um corte transversal que não pressupõe isolamento das camadas linguísticas. Pelo contrário, os grupos que vivem em contato linguístico estreito podem participar de mudanças linguísticas rápidas que levam à crescente diversidade, em lugar da uniformidade (p. 173)

Numa cidade como Manaus, cuja população se aproxima de dois milhões de habitantes, tornou-se difícil o isolamento de um grupo linguístico, pois a dinamicidade social reflete-se na diversidade linguística. Em nossa pesquisa, encontramos nas classes privilegiadas de Manaus, falantes advindos das classes mais pobres, filhos de pessoas com pouca ou nenhuma educação formal e que, por esse motivo, levaram consigo traços que aprenderam e que surgem nos momentos de descontração e espontaneidade. Nesse sentido, somente um corte transversal, como mencionado por Labov, será capaz de nos

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica do PAIC/FAPEAM, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvana Martins.

revelar a presença de traços descontínuos no âmbito da norma culta, neste trabalho especificamente, da variedade manauara socialmente privilegiada.

Ademais, nosso estudo é *a priori* sincrônico, embora façamos, quando possível, observações no eixo diacrônico, visto que a língua não funciona de modo aleatório, mas sistemático e que os fenômenos ocorridos podem também ser explicados sob perspectiva histórica.

### **Monotongação**

A monotongação é definida por Câmara Jr. (1986) como uma “mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples [...]” (p. 170) e que para destacá-la “chama-se [...] MONOTONGO à vogal simples resultante [do processo], principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem cuidadosa” (*ibid.*). Como ressalta o teórico, esse é um fenômeno puramente fonético, porque, ao institucionalizarmos a perda da semivogal em determinada palavra, perde-se conjuntamente a distinção entre ditongo e monotongo, pois o resultado é uma vogal comum. É assim que a palavra latina *pauper* (para usar um exemplo de Câmara Jr) institucionaliza-se no português como *pobre*, isto é, diacronicamente a vogal *o* é um monotongo, mas sincronicamente, uma vogal comum.

Partindo disso, lembramos que a tendência a se apagar as semivogais remonta ao latim. Socorro Aragão (2000) informa que nessa língua havia quatro ditongos [*ae*], [*oe*], [*aw*] e [*ew*] os quais, na passagem para o português, seguiram dois caminhos diferentes: ou se ampliaram, gerando assim novos ditongos, ou se monotongaram.

Hora e Lucena (2008) agregam a essas informações o fato de, na Língua Portuguesa, o padrão silábico ser a estrutura CV. Com isso, aventam a hipótese de que essa seja uma espécie de processo regularizador: “[o português] visando à simplificação das estruturas silábicas, apaga o *glide*, em um esforço para tornar o padrão silábico menos marcado” (p. 361). Além disso, apesar de aludirem aos ditongos nasais, compreendemos que essa condição se estenda também aos orais, os autores observam que “a atonicidade da sílaba também parece ter um papel fundamental neste processo, como desencadeador da redução do ditongo. Desta forma, a atonicidade da sílaba parece ser uma espécie de condição *sine qua non* para a ocorrência da redução” (p. 354).

### **Metodologia**

Conforme dito anteriormente, nesta pesquisa empregaremos o *corpus* coletado pelo Projeto Famac, cujo procedimento metodológico delimitou a população de referência a partir de dois critérios: i) grau de escolaridade, no mínimo, nível superior completo; ii) ter nascido em Manaus e residir nela há pelo menos 20 anos e ser preferencialmente filho de amazonenses. O *corpus* também se estabelece considerando como variáveis a idade e o sexo dos falantes. Eles estão divididos em três faixas etárias: informantes de 25 a 35 anos; de 36 a 55; e 56 em diante, resultando assim em seis subgrupos.

Apesar da delimitação, a população de Manaus mostrou-se muito heterogênea no que tange à origem geográfica dos seus falantes. Alguns deles não são nascidos em Manaus, mas residem na cidade há mais de vinte anos; outros também somam o fato de possuírem pais manauaras. Além disso, há aqueles que embora não tenham 25 anos já possuem o ensino superior, por esse motivo, a idade mínima tornou-se vinte anos. Assim, para abranger a “realidade histórica, cultural, social em que [a língua] se encontra” (BAGNO, 2004, p. 19), foram permitidas modificações para que esses falantes participassem.

As situações de registro são três: Elocuções Formais (EF), Diálogos entre Informante e Documentador (DID) e Diálogos entre Dois Informantes (D2). No presente trabalho, utilizaremos a amostragem desta última, que compreende dez

gravações, cuja duração totaliza quatro horas e vinte informantes distribuídos deste modo:

Idade\ Sexo	Masculino	Feminino
20 a 35 anos	03	05
36 a 55 anos	02	08
56 anos em diante	02	-

**Tabela 01: População do corpus dos D2**

Cada locutor preencheu uma ficha fornecendo informações de aspectos extralinguísticos como se residiu em outras cidades e onde nasceram seus pais. Ainda, foi preenchida outra ficha para cada registro contendo o tema, o tempo de duração, informações sobre os locutores do diálogo, entre outros.

### **Análise do corpus**

A princípio, pretendíamos realizar um estudo com as duas semivogais, no entanto, a bilabial /w/ registra apenas uma ocorrência. Explicamos que foram descartados os registros de palavras como “língua”, pois compreendemos que ali haja uma labialização da consoante e não uma semivogal.

Os parâmetros considerados nesta análise são o contexto anterior, a vogal sucessora, a classe gramatical e a extensão da palavra. Assim, podemos ver na tabela abaixo a distribuição, que considera os dois primeiros parâmetros, e a realização das ocorrências computadas, sendo que quarenta delas são de redução:

Contexto	Manutenção	%	Redução	%	Total
/sja/	71	100	0	0	71
/sjo/	22	62,9	13	37,1	35
/lja/	0	0	17	100	17
/ljo/	0	0	2	100	02
/rja/	91	100	0	0	91
/rjo/	102	100	0	0	102
/rje/	0	0	7	100	07
/dwo/	0	0	1	100	01

**Tabela 2: índices absolutos do corpus**

A partir dos resultados apresentados, elaboramos três questionamentos, que serão discutidos e analisados nas próximas seções:

- i. por que o segmento fônico /sjo/ alterna entre a redução e a manutenção?
- ii. por que todos os segmentos /lja/e /ljo/ foram reduzidos?
- iii. por que o segmento /je/ reduz quando precedido de /r/ ao passo que, no mesmo contexto, /ja/ e /jo/ não se reduzem?

Advertimos que, pelo fato de o corpus ser ainda pequeno, este trabalho tem como objetivo apenas apontar tendências que poderão ou não ser confirmadas com a expansão dos dados.

### **A sequência /sjo/**

O segmento fônico /sjo/ é o único na Tabela 2 que apresenta certa instabilidade, visto que varia entre a manutenção e a redução do ditongo. Entretanto, essa é uma falsa impressão que se desfaz quando verificamos no corpus em que palavras o fenômeno

ocorreu: a redução concentra-se somente na palavra “negócio”; nas outras o ditongo é mantido, como podemos constatar na tabela abaixo:

Palavra	Manutenção	Redução
negócio	01	13
exercício	01	00
início	10	00
sacrifício	01	00
Márcio	06	00
ofício	02	00
fictício	01	00

**Tabela 3: índices do segmento /sjo/**

Ao analisarmos os fatores que favorecem a redução dessa palavra, verificamos que todas as suas ocorrências se deram na fala de mulheres: cinco na primeira faixa etária e oito na segunda. Qualquer hipótese levantada a partir dessas informações seria falha, por não contrapor à fala masculina, nem à das mulheres mais idosas.

Nossa suposição, por esse motivo, parte de outra observação feita: o sentido dado à palavra. O Dicionário Aurélio (2001) traz as seguintes definições para o verbete: 1. Comércio, tráfico. 2. Relações comerciais; negociação, transação. 3. Combinação, ajuste. 4. Caso, coisa, assunto; fato. 5. Casa de negócio.

Nos registros do Famac, a palavra *negócio* foi categoricamente monotongada quando os falantes empregaram a quarta acepção, a mais abrangente. Em sua semântica há uma carga de indefinição que lhe permite substituir outras palavras, que no momento da elocução o falante não recorda ou simplesmente desconhece. Nesse sentido, “negócio” funciona de modo idêntico à “coisa”, como espécies de coringa que podem substituir outros vocábulos. Observemos os seguintes exemplos<sup>2</sup>:

L1: **negóço** parou aí oh... acabô eu acho (D2 – Inq. 07).

L1: [...] aí dexa eu te perguntar também e o **negóço** da oftalmo como é que ficô [...] (D2 – Inq. 02).

No primeiro exemplo, podemos apenas inferir que era um objeto que estava funcionando e parou. Já no segundo, dentro do contexto do diálogo, a informante não se referia a um comércio, mas a algo de definição pouco exata. É por causa desse uso constante que as palavras tendem a se modificar, nesse caso reduzindo-se. A hipótese é frágil, mas a única vez em que a palavra foi empregada significando relações comerciais, seu ditongo foi bem pronunciado. Por esse motivo, reafirmamos a necessidade da ampliação do *corpus*:

L2: eu terminando esse curso abrindo o meu **negócio** eu vô saí de sala de aula (D2 – Inq. 07).

#### **As sequências /lja/ e /ljo/**

Para entender a monotongação neste contexto, faz-se necessário compreender um processo anterior: a palatalização. No Português Brasileiro, de modo geral, as oclusivas alveolares (/t/, /d/) se africativam em contexto anterior a /i/, sendo produzidas, à vista disso, como /tʃ/, /dʒ/.

<sup>2</sup> Todos os excertos de gravações foram retirados do *site* do Famac cujo endereço está nas Referências.

Na variedade manauara, esse fenômeno também se dissemina entre as alveolares nasal e lateral, acarretando a neutralização dos pares mínimos /l/ ~ /ʎ/ e /n/ ~ /ɲ/<sup>3</sup>.

Câmara Jr. (1986) lembra que as palatais surgiram na evolução da língua portuguesa quando consoantes ou grupos consonânticos latinos assimilaram o traço +palatal do fonema /i/. Em suas palavras: “pode-se dizer, portanto, que a palatalização é determinada por um fonema palatal /y/, assimilador, em contacto com a consoante assimilada” (p. 186). Desse modo, os segmentos fônicos /lja/ e/ljo/ são palatalizados antes de serem monotongados.

Socorro Aragão (1999) atenta para o fato de esse processo sequencial não ser recente na língua, porque “em latim havia o iode, que se palataliza no português como nos casos de milia > milya > milha ou foleam > folha ou somnium > sonho, sendo que /l + y/ deram /ʎ/ e /n + y/ deram /ɲ/” (p. 16).

Podemos ver na tabela abaixo o grupo de palavras que, no *corpus* da pesquisa, sofreram o processo:

Palavra	Manutenção	Redução
família	00	13
Brasília	00	03
mobília	00	01
auxílio	00	01
Júlio	00	01

Tabela 4: índices dos segmentos /lja/ e /ljo/

O estudo desse fenômeno nos falares paraenses feito por Oliveira *et alii* (2009) corrobora as afirmações dos dois teóricos, pois constataram que “diante de [j] houve efeito categórico, sempre ocorreu palatalização” (p. 261). Prosseguem afirmando que também “houve queda da [j], como em /sãndaʎa/” e explicam que “nesses casos, houve apagamento de [j], mas que, antes desse apagamento, [j] deve ter condicionado a palatalização, já que [a] não desencadeia o fenômeno” (p. 262). Ressaltamos que em nosso estudo a ocorrência é análoga.

Essa conjunção de fatores está profundamente arraigada na variedade manauara, pois, além da redução categórica em sílaba postônica, encontramos a palavra “auxiliadora” que sofreu os mesmos processos que a primitiva “auxílio”, embora sua posição seja pretônica:

L1: [...] aquela sensibilidade feminina o **auxilho**... entre as mulheres... [...] (D2 – Inq. 01) (interferência): tá estudando onde agora ele?

L2: tá no **Auxilhadora** (D2 – Inq. 06)

É certo também que em palavras derivadas cujo acento recaia sobre o ditongo, ele não será reduzido, porque se tornará um hiato:

L1: [...] comecei a trabalhar como como **auxiliá** de de: administrativo [...] (D2 – Inq. 04)

Outra consequência desses fenômenos é a geração de pelo menos uma homofonia: as palavras Júlio e julho “têm a mesma forma (sob o ponto de vista fonético) e sentidos diferentes” (ROCHA, 2003, p. 68). Retiramos o exemplo do D2 – Inquérito 10, no qual

<sup>3</sup> Na variedade estudada, o processo de palatalização da nasal /n/ é mais complexo e necessita de uma ampliação do *corpus* para sua melhor observação, pois os segmentos /njV/ seguem três caminhos: pode tornar-se nasal alveolar palatalizada /nʎ/ ou nasal palatal /ɲ/, ou ainda apagar a nasal e tornar-se aproximante palatal nasalizada /j̃/.

o Locutor 1 primeiro faz referência a uma pessoa chamada Júlio, depois, no fim do registro, menciona o mês de julho:

L1: [...] tu anotas já então pra eu falar com o **Julho** da FIOCRUZ [...]

L1: [...] tem que tá nas mãos do coordenador do curso agora em **julho** [...]

### A sequência /rje/

Observemos um trecho do D2 – Inquérito 04:

L2: não sei se é] quarto ano não sei se é quarta **sere** [nono ano e deve né

L1: é que é quarta quinta quinta **sere** quarta **sere**] que é quinto ano né

A palavra “série” é a única no *corpus* que apresenta a sequência /rje/, de modo que nossa análise partirá apenas das suas sete ocorrências. Esse ditongo sempre aparece reduzido, mas o que nos levou a refletir sobre os motivos foi, como dito anteriormente, o fato de com suas semelhantes, /rja/ e /rjo/, não acontecer o mesmo. Por esse motivo, cogitamos a possibilidade de descartar a influência do contexto anterior e nos concentrarmos apenas no ditongo.

Observamos que na variedade manauara ocorre o alteamento das vogais átonas. Conforme Leda Bisol (2003), há uma “elevação gradual da vogal média (ε, ɔ > e, o > i, u) que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba: as pretônicas são relativamente menos fortes do que as tônicas e as átonas postônicas são as mais fracas” (p. 268). Logo, favorecido pela posição da sílaba, o fonema /e/ eleva-se e varia livremente com /i/, levando o ditongo não se realizar como /je/, mas /ji/.

A redução seria ocasionada devido à constituição do segmento. Nesse caso, composto por dois fonemas homorgânicos, que, na Língua Portuguesa, não podem ocupar a mesma sílaba. A exemplo disso, temos as palavras caatinga e niilismo.

Se considerarmos a hipótese levantada como verdadeira, obteremos também a resposta para a redução do ditongo /wo/, pois a vogal /o/ também sofre alteamento e, em posição final, varia livremente com /u/.

L2: [...] toda a problemática assim pra empresa mas não é **assido** mas eh:... incorre né [...]  
(D2 – Inq. 01)

Entretanto, por esse ditongo ocorrer apenas uma vez, não é possível irmos além das conjecturas.

### Considerações finais

Constatamos que a monotongação do ditongo crescente em sílaba postônica final é um fenômeno ainda pouco produtivo no âmbito da norma culta manauara; observamos que mesmo em situações informais, de maior espontaneidade, sua ocorrência é pequena. No entanto, também ressaltamos que em determinados contextos se mostra estabilizado, como nos segmentos /lja/ e /ljo/ e na palavra “negócio”.

Notamos que o parâmetro inicial *classe de palavra* mostrou-se irrelevante, pois, à exceção do adjetivo “assíduo”, todas as outras palavras eram substantivas. O outro parâmetro considerado, *extensão da palavra*, também foi pouco rendoso, porque, apesar das quarenta ocorrências, encontramos apenas oito palavras que apresentam monotongos, das quais duas são dissílabas e seis trissílabas.

Longe de entendermos nossas considerações como definitivas, esperamos que elas sejam reflexões iniciais e que outros trabalhos possam confirmar ou refutar as tendências, aqui apresentadas como preliminares.

Devemos pensar no que demarca o limite entre a fala culta e a comum; quais as motivações sociais que permitem um traço considerado descontínuo, estigmatizado surgir no âmbito culto sem provocar estranhamento no interlocutor. Além disso, retomando a ideia apresentada por Almeida (2006), a variedade estudada demonstra relação com o passado no sentido de ter conservado traços de outras etapas evolutivas da língua (eixo diacrônico) ou são elementos que neste momento estão mudando (eixo sincrônico)?

Para tanto, sugerimos algumas propostas para a realização de trabalhos posteriores, a saber: i) o levantamento de um questionário fonético-fonológico específico para a realização de ditongos; ii) a comparação dos índices de redução com as outras duas situações de registro do Projeto Famac; iii) a verificação da presença e recorrência de outros traços descontínuos na norma culta; iv) a averiguação de tais traços na esfera dos falares populares de Manaus e, por conseguinte, a sua comparação com os índices encontrados na norma culta.

Com os resultados dessas pesquisas poderemos iniciar um entendimento da complexa realidade sociolinguística da cidade de Manaus.

### Referências

- ALMEIDA, J. Da origem de alguns fenômenos linguísticos peculiares ao falar rural. In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 9, p. 45-55, 2º semestre de 2006.
- ARAGÃO, M. S. S. A variação fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste. In: *Revista do Gelne*. n. 2. p. 14-20, 1º semestre de 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ditongação x monotongação no falar de Fortaleza*. In: *Grafos*, p. 109-122, João Pessoa, 1º semestre de 2000.
- \_\_\_\_\_. Os estudos fonético-fonológicos no Ceará. In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 7, p. 21-41, 1º semestre de 2004.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta*. São Paulo: Parábola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BISOL, Leda. Neutralização das átonas. In: *DELTA*, n. 19, p. 267-276. 1º semestre de 2003
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FAMAC. *Diálogos entre dois informantes*. Disponível em: <http://www.famac-uea.com.br>
- FERREIRA, A. B de H. *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HORA, Dermeval da. *A monotongação na produção escrita: reflexo da fala? s/d*. \_\_\_\_\_; LUCENA, R. M. Conspiracy and demotion: mechanisms of simplifying the syllable structure. *Alfa*, São Paulo, v.52, n. 2, p. 351-369, 1º semestre de 2008.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, K. O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista. In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 11, p. 155-175, 2º semestre de 2008.
- OLIVEIRA, M. *et al*. Imagens preliminares da realização variável de /l/ pré-vocálico no Estado do Pará. In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 257-278, 2º semestre de 2009.
- ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.